

Em Torno do Corpo e da Performance: Estratégias de afirmação entre um grupo de jovens em Maputo, Moçambique

*Andrea Moreira*¹

Resumo

Este texto é sobre questões do corpo e da performance entre um de grupo de jovens que fazem do mercado de Xipamanine na cidade de Maputo seu lugar de sustento e/ou sua casa. O material aqui apresentado constitui fragmentos etnográficos de uma pesquisa que pretende compreender a relação entre o corpo e identidades – Quais as estratégias de afirmação utilizadas para adquirir poder e estima entre o grupo de pares e o contexto social mais amplo.

Palavras chave: jovens de rua, corpo, performance, tatuagens, dança

Around the Body and Performance: Strategies for assertion between a group of youth in Maputo, Mozambique

Abstract

This text is about issues of body and performance among a group of young people who make the market of Xipamanine in Maputo a place of sustenance and/or their home. The material presented here constitutes fragments of ethnographic research that aims to understand the relationship between the body and identity - What are the strategies used to acquire power and esteem among the peer group and the broader social context.

Key words: street youth, body, performance, tattoos, dance

¹ Andrea Moreira é doutoranda em Antropologia no ISCTE-Instituto Universitário Lisboa, sob a orientação de Lorenzo Bordonaro e com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal) com referência SFRH/BD/79513/2011. Desde Fevereiro de 2012 vem conduzindo sua pesquisa em Maputo.

“Põe os vídeos na net a ver se fico famoso” pede-me Stalone. Ele refere-se aos vídeos que fizemos em que ele está a dançar, mas ele já é famoso no mercado de Xipamanine. Todos o conhecem, não só por ele fazer tatuagens e dreads no cabelo mas também pela sua imagem - alto, magro, com o corpo repleto de tatuagens – e pelo seu jeito animado. Um dia, enquanto conversávamos sentados em caixas de cerveja vazias ao lado do depósito de garrafas no mercado, eu comento com ele o facto de todos que passavam por ali o cumprimentavam, ao que ele responde “sou um pouco famoso”.

Stalone convive diariamente, partilhando o mesmo espaço, e mantendo uma relação de amizade com um grupo de outros jovens que também fazem do mercado seu lugar de sustento e/ou sua casa. O seu rendimento advém das tatuagens e *dreads* que faz. Esporadicamente, principalmente na época mais fria quando menos pessoas se interessam em fazer tatuagens, ele faz alguns *biscates*, tais como transportar caixas de cerveja. Ele não se envolve em pequenos furtos ou situações de violência física como grande parte dos seus amigos. Stalone diz que não é como os outros, ele nunca se envolve nas confusões deles (dos amigos), mas gosta de dançar e ambiciona ficar famoso pela dança. “Essa é que é a minha cena” diz ele.

Este texto é sobre questões do corpo e da performance entre um de grupo de jovens, que, é importante salientar, de maneira nenhuma constituem um grupo sociológico homogêneo. Ainda assim eles partilham uma ligação particular à rua que paradoxalmente os posiciona à margem da vida urbana e ao mesmo tempo, torna-os extremamente visíveis nos espaços públicos. A rua, portanto, é o principal terreno sobre o qual eles negociam as suas identidades. Acresce que o seu mundo social tem um profundo componente de género, pois o grupo é formado apenas por jovens do sexo masculino. Na performance da masculinidade o corpo toma uma posição de vanguarda. Percebe-se o corpo não apenas como uma unidade biológica, nem somente como um local inscrito pela cultura, mas também um lugar de

construção e negociação de identidades. Como Diouf (2003) sugere, em última análise, os jovens têm seus corpos para se expressar e negociar suas identidades.

O meu interesse por esta temática advém da experiência que vivenciei junto destes mesmos jovens aquando da pesquisa realizada para a elaboração da minha tese de mestrado e no decurso dos três meses de trabalho de campo realizado em Maputo no ano de 2008. Na minha tese intitulada “What about those shoes? Street children and NGOs in Maputo, Mozambique”, abordei questões relativas à natureza e à qualidade dos serviços prestados pelas organizações não-governamentais a estes jovens. Trabalhei, na época, com crianças e jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade, que participavam das atividades e recebiam o apoio de algumas ONGs na cidade de Maputo. Participei diariamente nas atividades de um dos projetos que apoiava os “meninos de rua” no bairro de Xipamanine. Muitos destes jovens continuam a trabalhar e/ou a viver no mercado deste bairro.

Desde Fevereiro de 2012 tenho vindo a acompanhar o quotidiano deste grupo de cerca de 15 rapazes. O material aqui apresentado constitui fragmentos etnográficos da minha pesquisa no âmbito do doutoramento em antropologia. O método de pesquisa utilizado é a observação-participante, em conjunto com métodos visuais, em que a produção de material visual (ou audiovisual) pretende ser um esforço colaborativo. Métodos visuais colaborativos, nos quais os dados são produzidos e analisados conjuntamente pelo pesquisador e os participantes da pesquisa, permitem um maior investimento dos mesmos no projeto (Pink, 2007). Muda-se a perspectiva de quem é o “expert”, do pesquisador para o pesquisado, entendendo os últimos como aqueles que detêm mais conhecimento sobre suas próprias realidades. Desta forma distanciamos-nos de um modelo em que é apenas o pesquisador que controla qual o conhecimento produzido e como este é usado. Ademais, a fotografia e o vídeo criam a pos-

sibilidade de construir conhecimento que não é apenas baseado no discurso verbal. A câmara de vídeo encoraja os participantes na pesquisa a envolverem-se fisicamente na pesquisa para evidenciar suas experiências corporalmente (Pink, 2009). Deste modo, a partir dos vídeos criam-se narrativas das experiências dos jovens a partir das suas perspectivas.

O Mercado de Xipamanine desdobra-se como um enorme labirinto de corredores apertados com inúmeras barracas repletas de todo o tipo de produtos, qualquer coisa que se possa imaginar e muito mais. Para além de uma mostra heterogênea de bens, um vasto conjunto de serviços é prestado, desde um corte de cabelo, arranjo de roupa à oferta de refeições económicas. Xipamanine é também conhecido como o principal mercado para a aquisição de plantas medicinais. Entre as preparações de ervas tradicionais vendem-se garrafinhas coloridas de poções de boa sorte importadas da África do Sul. Misturam-se os cheiros da carne vermelha que se vende ali ao lado com os do incenso para afastar os maus espíritos. Para quem aprecia o caos este mercado é o paraíso para os sentidos. Não há quem fique indiferente à abundância de estímulos visuais, auditivos e olfactivos. O mercado oferece adicionalmente várias oportunidades de subsistência para os jovens, assim como atividades de lazer. Entre os *biscates* que arranjam com facilidade, ou os pequenos furtos que realizam no meio da confusão, os jovens vão conseguindo se alimentar e alimentar seus vícios. Uma das “atividades de lazer” que mais tempo os ocupa é o consumo de álcool. Uma pratica normalmente realizada em grupo.

Entre o grupo maior de jovens, sem uma ocupação formal, profissional ou educacional/formativa, que passam o dia, e alguns noite também, no mercado, grupos mais pequenos são formados. Estes grupos tendem a instalar-se em espaços determinados no mercado, onde normalmente têm acesso mais facilitado a serviços ou oportunidades de trabalho, como perto das casas de banho onde podem fazer sua higiene diária e do depósito de garrafas onde

conseguem facilmente algum dinheiro a descarregar e a distribuir pelo mercado caixas de garrafas de refresco ou cerveja.

Estes grupos a que me refiro são compostos exclusivamente por jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos. Embora as meninas e mulheres convivem com eles diariamente, estas estão de passagem, ou vendem no mercado. Não é que as mulheres não sejam afectadas pelas mesmas limitações, mas estão mais contidas no espaço doméstico e optam por outros meios de subsistência. Um dia enquanto conversava com um dos jovens que por norma encontra-se num destes locais onde fazem cargas e descargas de mercadorias, ele disse “Eu preferia ter uma filha do que um filho. Ela até podia virar prostituta mas era melhor isso do que ter um filho. Neste ambiente iria se tornar bandido, andar aí a roubar coisa de dono ou a cortar pessoas.”

Num estudo qualitativo sobre a pobreza em Maputo, Paulo, Rosário e Tvedten (2007) constataram que as pessoas nos bairros definiram o desemprego como a principal razão para a sua própria pobreza e vulnerabilidade. Nos bairros mais centrais, a alta taxa de criminalidade foi mencionada como um dos maiores problemas que enfrentam. Muitos idosos referiram a falta de respeito entre os jovens, que já não ouvem as pessoas mais velhas. Embora as drogas e o álcool foram apresentados como o problema principal, a maioria das pessoas admite que a raiz do problema é que “os jovens não têm nada para fazer” (Paulo, Rosário e Tvedten, 2007:54).

A minha intenção não é “vitimizar” os jovens, colocando-os numa posição passiva de sujeição às difíceis condições sociais e económicas. Acredito que apesar dos reais condicionalismos externos que enfrentam, eles são agentes ativos na construção de suas vidas, embora dentro de limites que se encontram fora de seu controle. É neste sentido importante encontrar o equilíbrio certo entre a agência e a restrição (Bordonaro, 2011), analisando as estratégias e aspirações individuais dos jovens, ao mesmo

tempo colocando-os num contexto social diacrónico mais amplo (De Boeck e Honwana, 2005:6).

Apesar da dureza da vida na rua, existem crianças e jovens que vivem melhor na rua do que em suas casas ou instituições de acolhimento. Muitos jovens nas ruas têm família a quem recorrer, mas tomaram a decisão de separar-se de seu contexto familiar (De Boeck, 2005). Percebi que entre os rapazes em Xipamanine, muitos não “aguentam” o controle familiar, a imposição de limites, regras e responsabilidades e preferem viver independentes, ter mais liberdade.

Nas últimas décadas os jovens têm aparecido cada vez mais como uma preocupação central dos estudos africanos (De Boeck and Honwana, 2005). Em muitos aspectos centrais na negociação da continuidade e mudança em qualquer contexto (Durham, 2000), os jovens em África têm sido reconhecidos como atores sociais, capazes de transformar contextos urbanos e rurais de formas marcantes e originais (Bordonaro e Carvalho, 2010). Ainda assim, grande parte dos estudos referentes aos jovens no continente Africano, sobretudo na África Subsaariana, focam aspectos problemáticos ligados à sexualidade ou à violência, enquadrando-os na posição de vítimas ou agressores. Termos como crianças e jovens “em risco” ou “como um risco” são mobilizados quando suas ações ou estilos de vida caem do lado de fora das idealizações ocidentais da infância².

² A infância, como distinta da imaturidade biológica, não é universal, mas sim uma estrutural e cultural de uma sociedade específica (James & Prout, 2001). Isto é, todas as sociedades cuidam e protegem seus filhos à sua maneira, mas a “infância moderna” é uma concepção ocidental que vem sendo exportada para outras partes do mundo (Stephens, 1995). A própria categoria de “crianças de rua” é parte da globalização de um entendimento ocidental de infância. A ideia de que a rua é moralmente perigosa para as crianças surgiu no norte da Europa e tem sido exportada através do colonialismo e do imperialismo da ajuda internacional bem além das fronteiras da Europa. Boyden (2001:207) argumenta que um padrão universal de infância tem o efeito de penalizar, ou mesmo criminalizar, a infância dos pobres. As crianças de rua caem nas categorias de infâncias anormais, fora da norma e, particularmente fora do controle dos adultos. Desafiam assim as fantasias Ocidentais da criança como um ser inocente, vulnerável e dependente, que precisa da protecção do adulto (De Boeck & Honwana, 2005:3).

De acordo com Diouf (2003), as representações anteriores da juventude Africana como a esperança das nações africanas no período pós-independência, deram lugar à construção da juventude Africana como uma ameaça. As falhas dos modelos econômicos, culturais e políticos nacionalistas tiveram um impacto particularmente negativo nos jovens, e num ambiente de escassos recursos muitos “invadiram” o espaço público das ruas à procura de meios de subsistência e modos de expressão alternativos. Esta presença massiva de crianças e jovens no espaço público tem sido foco de atenção moral e disciplinadora (Durham, 2000), tal como, de uma preocupação recorrente por manter a “ordem social” (Phoenix, 1997).

Importa notar que o espaço da rua também tem uma forte componente de género, aparecendo revestido de discursos da masculinidade (Frangella, 2010) e o mundo social dos jovens da rua é marcado pela prevalência de jovens do sexo masculino. Logo, o “pânico moral” se concentra a volta das masculinidades dos jovens e seu controle. Segundo Low (2000), os significados atribuídos ao espaço público refletem valores culturais e ideias sobre comportamento apropriado e ordem social. Desafiando as concepções do espaço público como preparado e supervisionado por adultos, os jovens criam modos alternativos de expressão e novas formas de ocupação da esfera pública (Diouf, 2003).

Embora a categoria social da juventude tem vindo a ganhar maior visibilidade em todo o continente Africano, ela é, no entanto, marcada pela ambiguidade.³ Em muitos países africanos, “a natureza da passagem cronológica e psicológica da juventude para a idade adulta mudou de forma extraordinária” (Diouf, 2003:3). Muitas vezes, excluídos do mundo normativo do trabalho, da política e das responsabilidades cívicas, os jovens enfren-

³ O próprio conceito ou categoria “juventude” é contestável. Definições e noções de juventude não podem simplesmente se fundamentar com base em critérios de idade (Capputo, 1995).

tam maior dificuldade para fazer a transição para a idade adulta social (Comaroff e Comaroff, 2005). No entanto, e apesar de sua marginalização relativa, ou possivelmente por causa dela, eles criam culturas inovadoras de desejo, autoexpressão e representação (Comaroff e Comaroff, 2005:21). Num sentido Turneriano, a juventude tende a ocupar um espaço liminar - 'betwixt and between' - que é indefinível em termos estáticos (Turner, 1967). Neste sentido, Deborah Durham (2000) chama a atenção para o modo como a categoria "juventude" atua como um "shifter social". Um "shifter" é um termo linguístico, denotando uma palavra cujo significado depende do contexto em que é utilizado (por exemplo, "aqui" ou "nós" são tais termos). Ela sugere pensar a juventude menos como um grupo etário específico e mais como um conceito relacional situado num contexto dinâmico.

Em Moçambique, depois da independência em 1975, a juventude passou a gozar de especial atenção por parte do governo. Os jovens eram considerados a fonte principal dos futuros quadros do partido.⁴ A Organização da Juventude Moçambicana (OJM), criada em 1977, tinha como objectivo principal a educação patriótica e socialista dos jovens. Todos, entre os 14 e os 30 anos de idade, podiam fazer parte da OJM contando que cumprissem com as obrigações e deveres dos estatutos e programas, contribuindo para edificar as bases políticas e ideológicas da sociedade socialista então em construção (Biza, 2007). A juventude era, deste modo, fundamental para a construção de um determinado projeto social, económico e político.

A partir dos finais da década de 1970 o país vive grandes mudanças que obrigaram a uma reorientação política e económica. Nos finais da década 1980 e início de 1990 com a introdução do modelo neoliberal em Moçambique e conseqüente diminuição do envolvimento do Estado no domínio social, a relação entre o Estado e a juventude sofre alterações. Os jovens, anteriormen-

⁴ FRELIMO, o movimento que liderou a conquista da independência, declara-se partido (Marxista-Leninista) em 1977.

te objecto de inculcação ideológica, são agora responsáveis por si próprios (Biza, 2007). Não só perderam o status prestigioso como primordiais agentes de transformação que lhes foi concedido no auge dos movimentos nacionalistas nas sociedades Africanas, como deixaram, acima de tudo, de representar uma prioridade nacional (Diouf, 2003).

Maputo, a capital política, administrativa e económica de Moçambique, sofreu um aumento drástico da sua população no período da guerra civil, entre 1980 e 1990, devido à migração interna de refugiados (Espling, 1999). No entanto, a mudança mais dramática nas condições de vida da população ocorreu com a introdução dos programas de ajustamento estrutural, e consequente redução de oportunidades de emprego formal, aumento dos custos de vida e falta de serviços urbanos (Espling, 1999).

A implementação de um programa de ajustamento estrutural em 1987, num país massacrado pelos efeitos de uma guerra que acabou por durar 16 anos, teve consequências devastadoras para a maioria da população. Honwana (2005) argumenta que a família e outras instituições fundamentais para a iniciação da criança em papéis adultos foram severamente perturbados pela guerra e os jovens foram forçados a dar sentido ao seu mundo num ambiente de caos social. Foi neste contexto de destruição da infraestrutura económica e social do país que se assistiu a uma presença massiva de crianças e jovens a viver nas ruas da cidade.

Loforte (1994) e a sua equipa de pesquisa contaram aproximadamente mil “crianças de rua” em Maputo no início da década de 1990. Muitas das crianças entrevistadas citaram a guerra, que destruiu a vida e posses de suas famílias, como a causa de suas situações. Instabilidade familiar, maus-tratos e abuso intra familiar também foram mencionados como causa de seu recurso à vida nas ruas. De acordo com Loforte (1994), o ambiente em que estas crianças e jovens viviam era caracterizado pela violência a todos os níveis, entre as próprias crianças e na interação

com outros moradores de rua. Por vezes, as crianças mais novas procuravam proteção num grupo liderado por um jovem adulto mais forte, mas, por sua vez, a integração num grupo também significava que a criança participasse em atividades ilegais.

De acordo com uma importante ONG local que trabalha com “crianças de rua”, existem hoje em dia cerca de 300 a 400 crianças a viver nas ruas de Maputo, das quais apenas uma pequena minoria são meninas. Um funcionário da acima referida ONG me informou que as poucas meninas que vivem na rua se hospedam principalmente em lugares fechados, como casas abandonadas, e só saem durante a noite para trabalho sexual. Já outros educadores de rua me explicaram que as meninas quando chegam à rua, isto é, começam a dormir na rua, logo se envolvem numa relação com um jovem mais velho que lhes consiga assegurar alguma proteção. Existem de facto alguns locais na cidade (casas abandonadas e em ruínas ou jardins públicos) onde se encontram famílias constituídas na rua.

Para além da componente de género, que marca de forma significativa o mundo social dos jovens de rua e que é vulgarmente ignorada nas políticas públicas, pelas organizações internacionais, bem como na academia, põe-se a problemática da definição de “criança de rua” que implicitamente procura capturar a realidade de milhões de jovens em variados contextos pelo mundo, como se estes constituíssem um grupo não diferenciado. Assim, classificações genéricas como “crianças da rua” compreendem um variado grupo de crianças e jovens que podem oscilar entre os 6 e os 20 e poucos anos de idade, que podem estar a trabalhar na rua e voltar a suas casas regularmente, ou estar a viver a tempo inteiro na rua.

De acordo com vários autores e conforme verifiquei em Maputo, as crianças e jovens alternam continuamente a sua estadia na rua, com períodos passados em suas casas e instituições de acolhimento. Não obstante diversos autores se haverem já pronunciado sobre o facto de muitos destes jovens deixarem as ruas

quando atingem a idade adulta ou são confrontados com a paternidade, são escassas ou quase inexistentes as pesquisas acerca desta transição dos jovens de rua para a idade adulta.

Hecht (1998), no contexto da cidade de Recife no Brasil, constatou que a maior parte das crianças com quem tinha trabalhado não deixaram de viver na rua à medida que foram ficando mais velhas. Muitos encontravam-se presos e outros tinham sido assassinados (Hecht, 1998). Entre os jovens com os quais eu trabalhei e tenho vindo a acompanhar suas trajetórias desde de 2008, alguns deixaram efetivamente de viver na rua, trabalham no mercado a vender, ou noutros serviços como cobrador de *chapa* (transporte semicolectivo), ainda outros conciliam o trabalho com os estudos. No entanto, a grande maioria não tem trabalho, nem continuou os estudos. Vários já tiveram contacto com o sistema prisional e alguns chegam a passar mais tempo na cadeia do que na rua. No que se segue descrevo sucintamente dois casos que considero exemplificativos das possíveis trajetórias percorridas por estes jovens.

Paito tinha 17 anos quando o conheci há 4 anos atrás no Xipamanine. Na altura contou-me que tinha saído de casa aos 11 anos porque tinha perdido os chinelos e tinha medo de voltar sem eles. Entretanto a mãe acabou por o encontrar e prometeu não lhe bater se ele voltasse para casa. Ele voltou com a mãe, mas como estava já “habitado à rua”, como ele disse, acabou por sair de casa de novo. Paito ficou alguns meses na baixa da cidade.

Na baixa os senhores ou senhoras chamavam para ajudá-los a levar lixo, ou empurrar carro para o posto de gasolina e depois davam dinheiro. Outros nos ofereciam comida em casa deles. Mas na baixa, os outros mais velhos que também estavam na rua, levavam meu dinheiro. Os dias que eu não tinha dinheiro vinha para aqui no Xipamanine para fazer biscoitos e depois voltava para a baixa. Eu dormia numa paragem de machimbombo (autocarro), próximo da esquadra da polícia. Mas agora eu já não durmo na rua. Fiz um quarto. Encontrei um pouco de dinheiro e comprei sacos de plástico

para vender, depois comprei caldo e vender também... e assim consegui o dinheiro para construir o quarto.

Paito vive na casa da mãe, no seu próprio quarto. Ele tem um filho de 2 anos que fica com a avó, enquanto ele vai para os seus dois trabalhos. Ele trabalha na venda de carvão durante o dia e à noite é guarda num parque de estacionamento.

Quando conheci Delcio no Xipamanine, ele tinha 15 anos e tinha saído da província de Gaza, onde morava com a madrasta e dois irmãos mais novos, para trabalhar em Maputo. Os pais faleceram em 2007 e em 2008 ele foi para Maputo. Ficou com uma tia no Xipamanine mas segundo ele, ela era má e ele saiu de casa dela. Foi quando começou a ficar ali no mercado com os amigos. Uma vez que ficou doente, os amigos levaram-no para casa da tia, mas “ela nem cuidou de mim” disse ele. “Veio a minha avó de Marracuene e curou-me. Ela conhece os tratamentos com ervas”.

Em Dezembro de 2008, uns dias antes de eu sair de Maputo, Delcio tinha desaparecido. Seus amigos me explicaram que ele teve que se esconder, desaparecer do mercado por uns tempos, porque tinha roubado um saco grande de *calamidade* (roupa em segunda mão) e o proprietário da mercadoria estava à sua procura. Quatro anos mais tarde, quando voltei a Xipamanine, Delcio encontrava-se na cadeia. Seus amigos contaram que ele passava mais tempo lá dentro do que cá fora. Delcio acabou por sair, mas de facto nem três meses passaram para que estivesse de novo preso e condenado a dez meses de prisão.

No que se segue procura-se contemplar a relação entre o corpo e identidades – Quais as estratégias de afirmação e de identificação/pertença ao grupo, mas também demarcação de diferenças, através do corpo.

O corpo como entendido por Turner (1994, p. 28) é, em primeiro lugar, uma relação. É tanto subjetivo e objetivo, significativo e material, pessoal e social, e pode ser considerado a

“infra-estrutura material” da produção de selves, pertença, e identidades (Van Wollpute, 2004, p. 256)⁵.

O corpo ocupa visivelmente um local privilegiado para as negociações de identidade de género. Como afirma Vale de Almeida (1997), a característica fundamental do género consiste no uso do corpo como o seu território metafórico. Neste sentido, a identidade surge mais como uma performance em processo, do que um princípio originário (Conquergood, 1991). Butler (1990) contempla a identidade de género como uma repetição estilizada de atos ao longo do tempo. Segundo a autora, o género não existe como uma identidade “natural” subjacente, mas é criado através de performances socialmente sustentáveis. De acordo com Richard Schechner, as performances “afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias” (Schechner, 2003, p. 27). Como estão os jovens a usar seus corpos na performance das suas masculinidades? As construções de masculinidades em contextos urbanos africanos, uma questão só recentemente a emergir como um tema de pesquisa social, é de crucial importância para a compreensão das transformações e tensões sociais presentes na África contemporânea.

Diante das inúmeras dificuldades e incertezas sentidas na maior parte da África Subsaariana, bem como em outros lugares, tem havido um recente interesse académico, bem como político, no estudo da juventude e masculinidade⁶. De facto, a pesquisa sobre masculinidades neste continente é crescente (Lindsay e Miescher, 2003; Ouzgane e Morrell, 2005). Uma pesquisa recente sobre a mudança de masculinidades no contexto urbano de Maputo mostrou que os jovens desempregados são cada vez

⁵ Tradução minha do Inglês para o Português.

⁶ Hoje em dia já é um truismo antropológico que as ideologias de masculinidade e feminilidade são cultural e historicamente construídas, seus significados constantemente contestados e sempre em processo de serem renegociados no âmbito das relações de poder existentes (Miescher e Lindsay, 2003:4). Portanto, vários autores sugeriram que é mais exacto falar de masculinidades múltiplas em vez de uma masculinidade singular (ex. Berg e Longhurst, 2003).

mais parceiros e pais ausentes, não querendo ou não conseguindo assumir a responsabilidade de apoiar as suas parceiras e seus filhos. A dificuldade sentida para cumprir ideais normativos de masculinidade gera uma sexualidade com valor em si mesmo, em que o poder está concentrado no corpo, em busca de provas que a simbolizem socialmente (Aboim, 2008:293).

Numa conversa com Pedrito, um dos jovens pertencentes ao grupo de Xipamanine pude perceber que cada vez mais são as mulheres, na procura de melhorar suas vidas, que “abandonam” os homens. Situação que verifiquei nos testemunhos de outros jovens que partilhavam das mesmas dificuldades económicas. Pedrito, com 20 e poucos anos, não tinha emprego mas conseguia arrendar um quarto perto do mercado onde vivia com a mulher e a filha.

Minha mulher me deixou, aquela que estava aqui comigo o outro dia com o bebé ao colo, minha filha. Ya, ela encontrou outro que lhe dá mais dinheiro... estas a ver, se eu dou 50 e outro dá 500 ela vai com ele. Mas, o outro pode lhe dar 500 pouco tempo, tipo uns 2 meses e depois deixa-a. Enquanto eu ia lhe dar 50 muito tempo. Ela depois vai pensar que deveria ter ficado comigo quando o outro lhe deixar.

Pedrito, que estava excepcionalmente falador neste dia, acontecimento que ele associava ao facto de estar *grosso*, continuou falando das suas dificuldades e frustrações.

Gostava de sair daqui. Leva-me e deixa-me lá em Portugal... aqui por qualquer coisa te cortam, mesmo você estar quieto, não fazer nada para provocar, podem partir garrafa na cara. Vês como estamos cheios de cicatrizes.

A violência entre os jovens é um aspecto inegável das suas vivências, tal como as cicatrizes que adornam seus corpos. Diouf (2003:10) sustenta que em muitas sociedades do continente africano, o corpo pode ser visto como o principal recurso disponível para a juventude expressar, na sensualidade ou na violência, seus anseios e demandas. Afigura-se que o corpo é algo sobre

o qual o indivíduo consegue exercer controle, mesmo quando não tem a possibilidade de controlar mais nada. Deste modo, os corpos de jovens, mulheres e homens, são o local privilegiado para a mediação entre a autoexpressão e forças sociais. Na sua análise sobre os “fighting boys” em Kinshasa, Pype (2007) mostra como os jovens usam seus corpos como o local final da existência social, identificando o papel da violência na construção de identidades locais. Biaya (2000) contempla o surgimento de novas modalidades de relação com o corpo na negociação da sexualidade, masculinidade e feminilidade entre os jovens em Dakar.

Relativamente aos moradores de rua da cidade de São Paulo, Frangella (2010) sustenta que seus corpos aparecem como último território, sobre o que e por meio do qual se singularizam as manifestações de suas experiências na cidade. A autora toma como ponto de partida a premissa que o corpo, que emerge como uma atividade simultaneamente física, simbólica, política e social, se constrói na relação com outros corpos e na interface com a dimensão espacial e social das ruas da cidade. Percebe-se, então, o corpo como um objecto sobre o qual se inscrevem mecanismos de poder e dominação, ao mesmo tempo que se revela um agente que desafia esses mesmos mecanismos (Frangell, 2010, p. 16).

O corpo, tal como uma tela, não só é o local onde a cultura está inscrita, mas também o lugar onde o indivíduo é definido e inserido na paisagem cultural. Tatuagens, cicatrizes, marcas, e perfurações, quando voluntariamente assumidas, são formas de escrever uma autobiografia sobre a superfície do corpo. Estas práticas expressam pertença e exclusão, fundem o passado e o presente, e, para o indivíduo, definem o que Csordas (1994 p. 10) chamou de “uma forma de estar no mundo” (Schildkrout, 2004 p. 338).⁷

Chegou uma moça a falar com Stalone. Ele disse-me “É minha mulher”, expressão que se usa para designar a pessoa com quem se mantém um relacionamento “assumido”, mas não implica viverem juntos,

⁷ Tradução minha do Inglês para o Português.

nem serem casados. Para me mostrar que ela era, ou pelo menos já tinha sido, de facto sua “mulher”, ele levantou a camisa dela e mostrou-me o seu nome tatuado na barriga dela. Depois mostrou-me o nome dela tatuado na mão dele. “O braço esquerdo é o braço de mulher, com rosas que é sinal de quem gosta de namorar”, explicou Stalone. “É com este braço que eu abraço as pitas” (pitas são as moças com quem não se assume um compromisso, são relações ocasionais). Já o braço direito “é o braço da falta de respeito” onde se desenham fuck you’s, folhas de suruma (cannabis), facas, armas,... “Outras pessoas põem números, tipo 26 é pessoa que gosta de dinheiro e que não gosta de compartilhar. Já o 28 é pessoa que rouba com facas, com armas. É de bandido mesmo”. Chongas chega e participa da conversa falando das suas tatuagens de correntes. “Significam que eu estou acorrentado, não vale a pena fazer feitiço, macumbarias para mim, estou protegido”. Rindo-se comenta “Já acorrentei tudo com uma suruma”, pois voltava de fumar um charro de marijuana.



Imagem 1: Stalone a fazer uma tatuagem. Xipamanine, Fevereiro de 2012
Fotografia de: Andrea Moreira

A tatuagem escreveu Gell, é “simultaneamente a exteriorização do interior, e a interiorização do exterior” (pp. 38-39 in Schildkrout, 2004 p. 321). A pele tatuada não só negoceia entre o indivíduo e a sociedade, e entre diferentes grupos sociais, bem como marca uma identidade. Pois, as aparências são usadas para estabelecer posições do sujeito e transmitir significados discretos aos outros (Herrera, Jones, Benitez, 2009).

A tatuagem aparece como expressão de uma individualidade que marca a diferença e ao mesmo tempo a associação e pertença a determinado grupo. No grupo de jovens participantes na pesquisa, as tatuagens mais comuns eram as que Stalone denominou de “falta de respeito” (armas, correntes, fuck you’s, folhas de cannabis, ...). Por um lado, funcionando como um meio através do qual podem exprimir-se contra condicionamentos sociais opressivos. Por outro lado, oferecendo reconhecimento entre os pares, acentuando a sua identificação ao grupo.

Outro aspecto que marca de forma significativa a expressão identitária destes jovens é a dança, mais especificamente um determinado tipo de dança. Voltando ao início deste texto, e retomando o pedido de Stalone para pôr os vídeos da dança na internet para ver se fica famoso, acrescento que também outros jovens abordaram a questão, embora de forma mais subtil, pedindo que eu levasse uma máquina de filmar profissional para melhorar a qualidade dos vídeos, e “fazer clips nice”. Gicula diz-me, “Tens que vir filmar com câmara grande que fica parada num sitio e nós dançamos em frente. Não podes ficar só a filmar a andar com tua máquina pequena”. De seguida apresento um excerto de uma notícia no jornal que pode dar uma indicação deste interesse na produção de “clips”.

O mundo acabou. Dois grupos fazem um duelo no meio da poeira, carros em chamas e cenários de cortar à faca. A sensualidade trespassa o ecrã, não fosse este um clip de Beyoncé. Um grupo de homens olha com ódio, raiva e algum espanto para as mulheres, lideradas pela cantora. Ela começa a dan-

çar. Dança estranha, como se os membros não lhe pertencessem, como se tudo fosse independente, e braços e pernas mexessem autonomamente. À sua frente, dois rapazes fazem a mesma dança. É o estilo sul-africano kwaito e eles são Mário Abel Bruce e Xavier Manuel Campione, ambos moçambicanos. Os W-Tofo já existiam antes de Beyoncé os conhecer, mas agora são famosos, foram vistos por milhares de pessoas e já não passam despercebidos em Moçambique. O grupo ganhou popularidade após a sua participação, em 2011, no clip 'Run the World (Girls)' da cantora norte-americana Beyoncé. (Claudia Muguande, "A dupla de moçambicanos que dançou com Beyoncé". *Jornal Sol*, 22 de Abril, 2012)⁸

O estilo de música e dança Kwaito emergiu no início da década de 1990 na África do Sul. Desenvolveu-se particularmente nos bairros entre jovens negros na região de Johannesburg. É normalmente cantado numa "língua de bairro" que consiste na mistura de Zulu, Sotho, Inglês e Afrikaans, considerada a versão contemporânea da língua "gangster" ou "Tsotsitaal" desenvolvida no início do séc. XX (Pietila, 2012). As letras são normalmente sobre diversão, sexo e "passar um bom bocado". É uma música para dançar, com bastantes elementos da música "house". Consiste numa dança energética, rápida, com movimentos coreografados envolvendo improvisação por dançarinos individuais, normalmente realizada em grupo ou em pares vestidos com roupa simples, tais como camisas, calças de perna curta, bonés ou chapéus de disquete e sapatilhas (tipo All Stars) (Pietila, 2012).

Stalone e Machance de facto aprenderam a dançar Kwaito com um amigo que voltou da África do Sul e lhes ensinou os passos. Dançam nas barracas/bares que têm uma jukebox onde podem escolher as músicas ou em festas. Onde o espaço permite, costumam fazer uma roda e vão alternando suas entradas no centro individualmente ou em pares. A dança caracteriza-se por movimentos corporais repetitivos e muito rápidos, com uma coorde-

⁸ Visto a 19/11/2012 no http://sol.sapo.pt/inicio/Cultura/Interior.aspx?content_id=47504.

nação rigorosa dos membros superiores e inferiores. É necessária grande destreza corporal para dançar Kwaito.



Imagem 2: Stalone a dançar Kwaito. Xipamanine, Março de 2012
Fotografia de: Andrea Moreira

Interessante notar que o Kwaito, uma música e dança originária da África do Sul, que reflete uma forma de expressão e comunicação particular dos bairros deste país, foi apropriada pelos jovens Moçambicanos. Acresce que os jovens escolhidos para representar o estilo num evento que lhes trouxe notoriedade internacional eram Moçambicanos e não Sul Africanos. Os elementos que compõem uma determinada cultura são móveis, estão em fluxo e os jovens navegam as possibilidades estabelecidas num espaço cada vez mais “global”, apropriando elementos “externos” e moldando-os à sua maneira enquanto procuram meios de expressão e afirmação.

Em Maputo, como em muitos outros lugares, os jovens parecem estar marcados pela crescente dificuldade de efetuarem a transição para o estatuto e papéis de adulto. Ficam assim num lugar ambíguo que marca seus percursos. O poder concentra-se no corpo e criam modos alternativos de expressão, como vimos com as tatuagens e a dança. Estas performances sublinham como os corpos dos jovens podem ser considerados eventos, recursos para as suas construções identitárias, em vez de objetos (Herrera, Jones, Benitez, 2009). Como Diouf (2003) sugere, em última análise, os jovens têm seus corpos para se expressar e negociar suas identidades.

Estive algumas semanas ausente, fora de Maputo, mas através de um telefonema com Stalone soube que ele estava doente, tinha sido diagnosticado com tuberculose. Quando voltei ele disse-me:

Pois é, quase que já não vinhas me encontrar aqui. Eu quase que morria. Estive mal mesmo, estava magrinho, não queria comer. Mas logo que comecei a tomar medicamento fiquei melhor. Fui para casa de mamã para ela cuidar de mim. Fazer comida, dar medicamento. Mas deixa só eu melhorar que quero fazer um clip só eu, dançar maningue (muitas músicas!) Perguntei o que ele pretendia fazer com o clip depois. "Ah, não dá para vender, né? Mas quero pôr na net para todos verem. Quero ficar mais famoso. Eu já sou um pouco mas quero ficar mais.

Confrontados com a sua marginalidade social e económica por um lado, e novos bens de consumo e desejos despoletados em grande medida pelos *mass media* por outro, os rapazes procuram a autorrealização em suas fantasias, tendo como principal recurso disponível seus corpos. Assim, "os jovens oscilam entre a aspiração e a frustração, entre escolhas possíveis e sonhos impossíveis" (Martins, 2010 p. 17).

Referências Bibliográficas

- ABOIM, Sofia. "Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo". *Análise Social* XLIII(2): 273-295. 2008.
- BIAYA, Tshikala. "Les plaisirs de la ville: Masculinité, sexualité et féminité à Dakar (1997-2000)". *African Studies Review* 44(2)71-85. 2001.
- BERG, Lawrence and Robyn LONGHURST. "Placing Masculinities and Geography". *Gender, Place and Culture* 10(4):351-360. 2003.
- BORDONARO, Lorenzo and Clara CARVALHO. "Introduction: Youth and modernity in Africa". *Cadernos de Estudos Africanos* 18/19: 9-18. 2010.
- BORDONARO L. From home to the street: children's street-ward migration in Cape Verde. In: EVERS S, NOTERMANS C and VAN OMMERING E (eds.) *Not just a victim. The child as catalyst and witness of contemporary Africa*. Leiden: Brill. 2011.
- BOYDEN, Jo. Childhood and the Policy Makers: A Comparative Perspective on the Globalization of Childhood. In Allison James and Alan Prout (eds). (2001) *Constructing and Reconstructing Childhood. Contemporary issues in the sociological study of childhood*. London. Routledge Falmer. 2001.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York. Routledge. 1990.
- CAPUTO, Virginia. "Anthropology's silent 'others': A consideration of some conceptual and methodological issues for the study of youth and children's culture" in Amit-Talai, Vered, Helena Wulff (eds.) *Youth Cultures. A cross-cultural perspective* London and New York. Routledge. 1995.
- COMAROFF, Jean. and John COMAROFF. "Reflections on Youth. From the Past to the Postcolony", in Honwana, Alcinda and Filip de Boeck (eds.) *Makers & Breakers. Children and Youth in Postcolonial Africa*. Oxford: James Currey. 2005.
- CONQUERGOOD, Dwight. "Rethinking Ethnography: Towards a Critical Cultural Politics". *Communication Monographs* 58:179-194. 1991.
- DE BOECK, Filip. The Divine Seed. Children, Gift & Witchcraft in the Democratic Republic of Congo in De Boeck, F. & Honwana, A. (eds). *Makers & Breakers. Children & Youth in postcolonial Africa*. Oxford. James Currey. 2005.
- DE BOECK, Filip and Alcinda HONWANA. "Introduction: Children & Youth in Africa", in Honwana, Alcinda and Filip de Boeck (eds.) *Makers & Breakers. Children and Youth in Postcolonial Africa*. Oxford: James Currey. 2005.

- DIOUF, Mamadou. "Engaging Postcolonial Cultures: African Youth and Public Space", *African Studies Review*, Vol. 46, No. 2, pp. 1-12. 2003.
- DURHAM, Deborah. "Youth and the social imagination in Africa: Introduction to Parts 1 and 2". *Anthropological Quarterly* 73(3), 113-120. 2000.
- ESPLING, M. *Women's Livelihood Strategies in Processes of Change: Cases from Urban Mozambique*. Departements of Geography, University of Göteborg. 1999.
- FRANGELLA, Simone. *Corpos Urbanos Errantes. Uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em Sao Paulo*. Sao Paulo. Anablume, Fapesp. 2010.
- HECHT, Tobias. *At home in the street. Street children of northeast Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.
- HERRERRA, Elsa and Jones, GARETH A. and Thomas de BENITEZ, Sarah Bodies on the line: identity markers among Mexican street youth. *Children's geographies*, 17 (1). pp. 67-81. 2009.
- HONWANA, A. Innocent & Guilty. Child-Soldiers as Interstitial & Tactical Agents in De Boeck, F. & Honwana, A. (eds). *Makers & Breakers. Children & Youth in postcolonial Africa*. Oxford. James Currey. 2005.
- JAMES, A. and PROUT, A. (eds). *Constructing and Reconstructing Childhood. Contemporary issues in the sociological study of childhood*. London. Routledge Falmer. 2001.
- LOFORTE, A. "Street Children in Mozambique". *The International Journal of Children's Rights* 2. pp 149-168. 1994.
- LOW, Setha. *On the Plaza: The Politics of Public Space and Culture*. Austin: University of Texas Press. 2000.
- MARTINS, Filipe. O Paradoxo das Oportunidades. Jovens, relações geracionais e transformações sociais – notas sobre Cabo Verde. *Working Paper CRIA* 4, Lisboa. 2010.
- MIESCHER, Stephen and Lisa LINDSAY. "Introduction: Men and Masculinities in Modern African History", in Lindsay, Lisa and Stephen Miescher (eds). 2003. *Men and Masculinities in Modern Africa*. Portsmouth NH: Heinemann. 2003.
- MORRELL, Robert and Lahoucine OUZGANE. "African Masculinities: An Introduction", in Ouzgane, Lahoucine and Robert Morrell (eds.). 2005. *African Masculinities. Men in Africa from the late nineteenth century to the present*. New York: Palgrave Macmillan. 2005.
- PAULO, M., ROSARIO, C. and TVEDTEN, I. "Xiculungo" Social Relations of Urban Poverty in Maputo, Mozambique. CMI Reports, Norway. 2007.

- PHOENIX, Ann. "Youth and Gender: New issues, new agenda". *Young* 5(3):1-19. 1997.
- PIETILÄ, Tuulikki. "Body Politic: The Emergence of a "Kwaito Nation" in South Africa". *Popular Music and Society* 1:1-19. 2012.
- PINK, Sarah. *Doing Visual Ethnography*. London: Sage Publications. 2007 (2001)
- PINK, Sarah. *Doing Sensory Ethnography*. London: Sage Publications. 2009.
- PHOENIX, Ann. "Youth and Gender: New issues, new agenda". *Young* 5(3):1-19. 1997.
- PYPE, Katrien. "Fighting boys, strong men and gorillas: notes on the imagination of masculinities in Kinshasa". *Africa* 72 (2): 250-271 . 2007.
- SCHILDKROUT, Enid. "Inscribing the body". *Annu. Rev. Anthropol.* 33:319-44. 2004.
- SCHECHNER, Richard. *Performance Theory*. Taylor & Francis Group. 2003.
- STEPHENS, Sharon. Children and the Politics of Culture in Late Capitalism. in Sharon Stephens (eds). *Children and the Politics of Culture*. Princeton University Press . 1995.
- TURNER, Victor. *The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual*. Ithaca, NY and London. Cornell University Press. 1967.
- VALE de ALMEIDA, Miguel. "Gender, Masculinity and Power in Southern Portugal". *Social Anthropology* 5 (2): 141-158. 1997.
- WOLPUTTE, Steven Van. Hang on to your self: Of bodies, embodiment, and selves. *Annu. Rev. Anthropol.* 33:251-69. 2004.

Recebido em 01/10/2012

Aprovado em 15/11/2012

